

Universidade de Coimbra
Faculdade de Economia

Sónia Raquel Faria Oliveira

Homossexualidade



Coimbra, Dezembro de 2004

Universidade de Coimbra
Faculdade de Economia

Sónia Raquel Faria Oliveira

Homossexualidade

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Fontes de Informação
Sociológica da licenciatura em Sociologia

Coimbra, Dezembro de 2004

Índice

1- Introdução.....	1
2- Estado das Artes	4
2.1. Sociedade.....	5
2.1.1 Família.....	7
2.2 Adopção e casamento.....	9
2.3 Pedofilia, Suicídio, HIV	11
2.4 Estereótipo	14
2.5 Religião	15
2.6 Sentido biológico da Homossexualidade	17
2.7 Homossexualidade Vs Bissexualidade.....	18
3- Descrição detalhada da Pesquisa das Fontes	20
4- Ficha de Leitura	25
5- Avaliação de uma Página Web.....	28
6- Conclusão	30
7- Referencias bibliográficas.....	32

Glossário

Anexo I

- Página da Associação ex-aequo avaliada.

Anexo II

- Página da associação Opus Gay onde contém o articulado final enviado pelo governo a esta associação com o artigo 22º/23º e 24º do Código de trabalho.

Anexo III

- Texto "Masculinidade hegemónica" retirado do IV capítulo "O Género do Género" da obra *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade* de Miguel Vale de Almeida (1995)

1 - Introdução

Para realizar este trabalho, "Homossexualidade" foi o tema escolhido por ser um assunto que tem suscitado bastante polémica ao longo dos tempos. É um assunto que interessa a todos nós e que tem dado muito que pensar e discutir em diversas áreas, desde a política, aos direitos humanos, religião, ciência, entre outros. A Homossexualidade é uma doença? Os Homossexuais merecem ter os mesmos direitos que os Heterossexuais? Deus é mesmo contra a Homossexualidade? Porque é que há uma taxa de suicídio tão elevada entre Homossexuais? Homossexualidade, uma opção ou orientação?

No entanto, torna-se também importante abordar o lado dos Homossexuais. Qual a primeira reacção ao descobrirem a sua orientação sexual? Como será o processo para contar à família e as suas reacções? Como lidam com isso? Têm amigos heterossexuais? A Homossexualidade é discriminada por falta de informação das pessoas? A imprensa influencia a sociedade, isto pode ser um grande problema? A imprensa diz, directa ou indirectamente, que os homossexuais são pedófilos e as pessoas, por falta de acesso a outras fontes de informação ou até mesmo porque não é um assunto que as "afecta" directamente, não procuram outras fontes para comparar, até ao dia que descobrem que o filho, o primo ou até mesmo o pai ou a mãe são homossexuais! Mas aí muitas vezes já é tarde. Homossexualidade é uma afronta contra a sociedade ou simplesmente uma forma de amar diferente do que é dito normal?

Com este trabalho procuro informar os leitores, em geral, sobre o que realmente é a Homossexualidade ou na melhor das hipóteses o que não é a Homossexualidade. Devido à limitação temporal e tendo em conta os objectivos pedidos para o trabalho vou referir apenas alguns assuntos como a homofobia, aceitação da parte das famílias ao saberem que o filho/a é homossexual, quais os processos de aceitação que familiares, amigos e LGB (lésbicas, gays, bissexuais) passam. Também vai ser referido, em poucas palavras a diferença entre homossexualidade e bissexualidade. Este trabalho contém também um pequeno dicionário de palavras que aqui vão ser usadas para o caso de haver alguma dificuldade de interpretação.

Para realizar os objectivos acima referidos este trabalho vai estar dividido em dois capítulos. No primeiro vai ser analisado o Estado das Artes, que vai estar dividido em oito sub-capítulos, estando o primeiro sub-capítulo dividido num sub-sub-capítulo. O primeiro sub-capítulo que dá pelo nome de "Sociedade" fala-nos da homofobia em geral. Ou seja, como é a reacção dos indivíduos ao terem contacto com um homossexual, como se sentem os homossexuais ao descobrirem a sua orientação sexual, porque se escondem eles atrás de máscaras? Este sub-capítulo ainda está dividido num outro sub-capítulo que se refere especificamente à família. Qual a reacção desta, o porquê das pessoas esconderem a sua orientação sexual aos pais, qual o processo de aceitação dos pais e LGB. De seguida contém o segundo sub-capítulo que dá pelo nome de "Adopção e Casamento". Porque é que um homossexual não pode adoptar ou casar? No terceiro sub-capítulo "Pedofilia, Suicídio e HIV" são temas diferentes, no entanto contêm algo em comum. Homossexuais têm sido, desde há uns anos atrás, responsabilizados pela forte taxa de Suicídio, de portadores do vírus HIV e de pedofilia existente em todo o Mundo. Será que é mesmo verdade que eles constituem o grosso dessas estatísticas para serem culpabilizados? Porque é que a taxa de suicídio é elevada entre homossexuais? No quarto sub-capítulo com o nome de "estereótipo" vai conter uma breve apresentação da origem do estereótipo que foi sendo criado pela sociedade acerca deste grupo de pessoas. Esse estereótipo adequa-se a todos os homossexuais ou pertence a uma pequena parcela da comunidade gay? No quinto sub-capítulo dado pelo nome de "Religião" vai ser referido a verdadeira posição da Bíblia em relação à homossexualidade. O que é que a Bíblia diz sobre a homossexualidade? É contra? No sexto sub-capítulo com o nome de "Sentido Biológico da Homossexualidade" vai ser feita uma breve análise do que a ciência diz a respeito da homossexualidade. É preciso ter em atenção que o que aqui vai ser referido são só suposições que se têm feito até agora, não havendo nada em concreto e apenas uma verdade... a homossexualidade não é uma doença! No sétimo sub-capítulo vai ser feita uma pequena distinção entre homossexualidade e bissexualidade. Achei importante fazer esta diferenciação porque ainda existem muitas dúvidas sobre o que é uma coisa e outra, caindo assim, no grande erro de se poder dizer que a bissexualidade é uma forma de

homossexualidade. Bissexualidade e homossexualidade são orientações distintas. Por fim, no oitavo sub-capítulo "Glossário" poderá tirar dúvidas sobre o que alguns termos que vão ser mencionados ao longo do trabalho, significam.

O segundo capítulo vai conter a descrição detalhada do processo de pesquisa de fontes que foram utilizadas.

Para este trabalho procurei diversificar ao máximo as fontes de informação. Realizei pesquisa bibliográfica através de livros, jornais lgbt (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), dicionário, alguns sites da Internet.

2- Estado das Artes

A Homossexualidade é um tema que tem suscitado bastante polémica ao longo do tempo. A sociedade e as várias ciências discriminam porquê? Por ser algo desconhecido? Será que as pessoas têm medo de ser contagioso? A verdade é que os homossexuais são constantemente vítimas de discriminação. Discriminação, essa, que vem dos amigos, dos colegas de trabalho ou da escola, no caso de adolescentes, das pessoas que vão a passear na rua e até da própria família, que muitas vezes os expulsa de casa, ao contrário do que muita gente diz quando refere que a homossexualidade tem tido bastante aceitação nas sociedades de hoje.

“Se a Homossexualidade é mais ou menos aceite, o facto é que não é permitido que as mensagens homossexuais sejam postas cá fora: as pessoas aceitam muito menos a expressão social dos homossexuais, por exemplo, quando um casal se beija na rua.” (Melo, 2002)

É por este motivo que, cada vez mais, este grupo de pessoas se junta e formam associações para lutarem pelos direitos de igualdade. Estas associações lutam para que a falta de informação em relação ao assunto, acabe. Aqui vão ser referidas algumas delas como a Associação Ilga Portugal, Opus Gays e rede ex-aequo. Nos espaços das associações encontra-se apoio para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgéneros, Amigos e Familiares. Claro que nem tudo é fácil e por isso mesmo estas associações são particulares, uma vez que o Estado não fornece capital nem nenhum outro tipo de ajuda para que estas se consigam manter! É à custa dos sócios que conseguem sobreviver e dar um pouco de ajuda a quem precisa.

2.1. Sociedade

Um dos maiores, senão o maior, problemas dos homossexuais é a sociedade em geral. O dia torna-se escuro pelas máscaras que são obrigados a usar e a escuridão da noite permanece. São obrigados a manterem-se por trás de cortinas para fugirem à fúria das mentalidades! O medo habita nestas pessoas devido ao preconceito existente!

Muitos deles vivem durante anos a esconderem a sua orientação sexual devido ao medo que têm da reacção dos amigos e familiares ou até mesmo porque não se sentem bem com isso. Afinal a nossa educação está virada para a heterossexualidade! Em qualquer manual escolar, no tema da sexualidade, pouca informação se encontra sobre a homossexualidade, em muitos nem é referido o assunto. Os jovens crescem com um sentimento de homofobia sem saberem sequer o motivo desta existir nas suas vidas! A única explicação que dão normalmente é o facto dos homens terem de gostar de mulheres e vice-versa, o resto não é normal, simplesmente.

Jovens homossexuais, quando não são assumidos, sentem-se sós e vulneráveis porque ouvem os amigos contarem piadas homofóbicas, fazendo assim com que se sintam inferiores.

Existem vários motivos para que os homossexuais mantenham escondida a sua orientação. Muitos têm medo de perder os seus amigos, as suas famílias, têm medo de serem expulsos de casa, medo da violência física e psicológica que possa haver enquanto caminham na rua ou mesmo por parte de pessoas que lhes são queridas, medo da discriminação em geral. A família que deveria ser o maior auxílio deles, muitas vezes é a maior fonte de desestabilização.

O trabalho é outro ponto de discriminação. Estas associações lutam pela igualdade no emprego.

"Devido à insistência do nosso movimento, o governo informou que vai aplicar a Directiva Europeia para a igualdade no emprego e incluir explicitamente no novo Código de Trabalho a não discriminação com base na orientação sexual." (el gêbêtê, 2003a)

Segundo a Associação *Opus Gay* (2003) esta lei já foi em frente e é agora uma realidade na justiça portuguesa, só esperamos que não seja só na teoria.

Os Homossexuais têm amigos heterossexuais? Sim... a maioria tem amigos heterossexuais, apesar de muitos terem e continuarem a passar a má experiência da não-aceitação por parte de certos amigos. Homossexuais são pessoas iguais às outras. Eles têm família, têm amigos, comem, bebem, andam, respiram, amam, choram como qualquer Ser Humano. Eles não amam de forma diferente, eles amam da mesma forma que qualquer heterossexual só que são pessoas do mesmo sexo.

2.1.1 Família

Todos temos noção que muitas vezes começa uma guerra em casa quando um filho fala com os pais sobre a sua orientação sexual. A maioria dos pais, vêem os filhos como um possível prolongamento de si e desejam uma vida estável, tranquila com felicidade em todas as áreas: profissional, amorosa e social. No entanto, quando um filho diz aos pais que é homossexual, na maioria dos casos, não sabem como reagir. "O meu filho é homossexual, e agora?"

É um longo percurso que pais e filhos têm que percorrer de mãos dadas. Pais e filhos trocam de papel. Depois do seu *Coming Out*, que normalmente não é fácil, o jovem precisa ter calma e tentar mostrar que o facto deste ser homossexual não muda a pessoa que ele é.

Segundo a Associação rede ex-aequo (2004), os primeiros sentimentos são os de raiva, angústia, culpa. Pais começam a culpar-se por acharem que não deram uma boa educação ao filho ou então responsabilizam as "más companhias" deste, uma vez que ficam sob uma forte pressão social. Óbvio que ambas as hipóteses estão erradas! Não há explicação para a homossexualidade ao contrário do que Corraze (198?) diz quando afirma que a perturbação do agregado familiar é um factor, geralmente relacionado com a homossexualidade.

Ninguém pode dizer quais são as origens da homossexualidade sem dados fiáveis e provas concretas.

"Na realidade, a própria pergunta sobre as origens da homossexualidade é absurda, pois implica também responder à pergunta sobre a origem da heterossexualidade. A sexualidade dos indivíduos - incluindo a orientação sexual - é o produto de muitos e insondáveis factores. E os comportamentos sexuais só devem ser encarados como problemas quando dão mal-estar aos próprios ou interferem com a liberdade alheia, e não porque os valores sociais dominantes os constituem errados." (el gêbêê, 2003b)

Culpam-se por terem um filho homossexual. Depois pensam que poderá ser uma confusão, no caso de ser adolescente, como muitas vezes se diz: "É uma fase", muitas vezes aconselham-no ou obrigam-no a frequentar um psicólogo. Desistem quando o psicólogo confirma não ser uma moda passageira, mas que o filho é realmente homossexual. O ideal é pais e filhos frequentarem um psicólogo para que todos se possam sentir apoiados. Para viverem em paz consigo mesmo eles precisam compreender que, apesar da orientação sexual do filho não pertencer à norma, ela é perfeitamente normal e honesta no que lhe diz respeito. São vários os sentimentos acumulados, raiva e mágoa são os mais frequentemente expressos. No entanto, é preferível que eles expressem estes sentimentos do que os guardem para eles. Na medida que o trauma emocional é ultrapassado, estes começam a lidar com o assunto mais racionalmente. Ler sobre o tema, participar em reuniões de associações LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes) pode ser uma grande ajuda para a aceitação. Até aceitarem definitivamente o facto do filho ser homossexual, poderão não querer falar muito no assunto, apesar de aceitarem a orientação sexual do filho, ou então, nas famílias que não se aceita tão bem, tudo que o indivíduo faz ou diz é para os pais consequência da sua orientação.

Nem todos os pais chegam a aceitar de facto a homossexualidade. Alguns conseguem chegar até aqui, no entanto, outros continuam a amar os filhos sem aceitar de facto a sua orientação.

"Muitos chegam ao ponto de festejar a diferença dos seus filhos. Esses felizardos vêem a homossexualidade como uma expressão legítima da sexualidade humana. Quando se lhes pergunta se gostariam que os seus filhos pudessem mudar, respondem: *Preferia mudar a sociedade homofóbica para o meu filho poder viver a sua vida sem rejeição e medo.*" (Rede ex-aequo, 2004).

2.2 Adopção e casamento

Desde sempre os homossexuais foram pais capazes. A única diferença é que até aos anos 70, mais ou menos estes, mantinham relações heterossexuais. Quero com isto dizer que apesar de serem homossexuais eram casados com pessoas do sexo oposto para assim esconder também a sua orientação sexual.

"De acordo com uma sondagem efectuada nos EUA nos anos 90, era quase tão frequente encontrar mulheres lésbicas e mulheres heterossexuais que fossem mães (62% e 72% respectivamente). Somente 27% dos gays inquiridos eram pais de crianças contra 60% de homens heterossexuais. Para além disso, estimou-se que o número de crianças - com um pai gay ou uma mãe lésbica - esteja entre 1 [milhão] e 9 milhões." (el gêbêtê, 2003c)

Como em qualquer outro país, em Portugal os gays e lésbicas desejam ser pais. No entanto gays e lésbicas devem proceder com grande cautela pois tem sido apontada uma grande objecção: a defesa dos direitos da criança, baseada em preconceitos. Principalmente a forte associação entre homossexualidade e abuso sexual de menores, a necessidade de uma figura materna/paterna para a criança, a dita pressão escolar. Outro grande e absurdo preconceito é o de que os filhos de gays e lésbicas vão seguir as orientações dos pais! É de ter em atenção que homossexuais são maioritariamente filhos e filhas de casais heterossexuais. Há hipótese de um homossexual poder adoptar? A resposta é sim. Na Holanda os homossexuais já podem adoptar crianças desde 1998. Em Espanha já é permitido o casamento e adopção da parte dos homossexuais. "Em Portugal é possível que pessoas singulares, maiores de 30 anos, possam adoptar, de acordo com o decreto-lei nº120/98, deitando por terra a argumentação da necessidade de uma figura paterna/materna." (el gêbêtê, 2003d)

E o casamento? É uma afronta à sociedade ou apenas querem ter os mesmos direitos que os heterossexuais? Também é uma luta que vem de trás. Gays e lésbicas lutam para ter estes mesmos direitos. É

ridículo afirmar que o facto dos homossexuais quererem casar, pelo Estado ou pela Igreja, é uma afronta e desrespeito aos heterossexuais. Onde está o desrespeito e afronta? O que é que eles vão fazer que os heterossexuais não façam? Será que os homossexuais não podem ter os mesmos direitos que os casais heterossexuais? Homossexuais apenas querem ter o direito a construir uma família, um lar como qualquer casal heterossexual. Casar, ter filhos, ter os mesmos direitos de paternidade/maternidade. No pior dos casos, num casal homossexual, se acontecer algum acidente ou por outro motivo qualquer, um dos membros do casal tiver que ser hospitalizado, o outro não tem qualquer direito de visita, uma vez que pela lei não são reconhecido como casal, simplesmente não se pertencem. Casar e ter filhos não são nenhuma afronta, não é tentar incutir os mesmos estilos de vida ou a mesma orientação às outras pessoas. É apenas querer viver como qualquer Ser Humano. Ter os mesmos direitos. Não ser apontado na rua. Não ser apedrejado, não estar a namorar num banco de jardim e ser alvejado com batatas. É apenas lutar pelo direito de sermos todos iguais aos olhos da Lei, da Sociedade.

2.3 Pedofilia, Suicídio, HIV

Pedofilia, suicídio e HIV, apesar de serem temas diversos têm algo em comum. São temas comuns quando se fala da homossexualidade.

Homossexuais... pedófilos ou não? Óbvio que não. É verdade que se tem divulgado bastantes práticas homossexuais com menores, mas isto não quer dizer que todos os homossexuais sejam pedófilos e muito menos que tem existido maior número de violações com práticas homossexuais. Isto não faz de todos os homossexuais violadores, apenas que uma parcela na comunidade LGBT teve relações com menores ou que abusou de menores, assim como parcela de heterossexuais também tem.

Outro dos temas, também muito relacionado com homossexualidade é o suicídio. Porquê? Devido à forte pressão exercida pela família e restante sociedade para que estes mudem a sua orientação sexual, como se fosse possível, estas pessoas sentem-se sós, e tornam-se eles mesmo homofóbicos, uma vez que nos manuais do nosso ensino a homossexualidade não é referida. Muitos jovens quando descobrem a sua homossexualidade não têm noção do que se passa com eles. É vergonhoso em pleno século XXI, um jovem de 13 ou 14 anos pensar: "Eu gosto de um rapaz/rapariga! Que se passa comigo? Não sou normal!". É vergonhoso assistir isto num país considerado desenvolvido.

Estes jovens por não terem com quem tirar dúvidas, por não poderem contar com os pais ou amigos, por terem medo da reacção destes, por não verem ninguém a falar do assunto de uma forma séria, apenas ouvindo nomes como: paneleiro, bicha, panilas, maricas e frases do género: "Paneleiro... vem aqui para te ir ***" ou "Vou comer a tua mãe", no caso das mulheres: "Vem cá para te fazer mulher. Depois de provares vais vêr que gostas de pau" entre outra frases mais graves e agressivas que não são necessárias referir para não chocar o leitor. Como referi acima, estes jovens começam a sentir-se diferentes, frustrados, começam a sentir-se angustiados, a imaginarem-se sozinhos no Mundo. A única solução que vêem para a sua vida é a forma mais dramática e cruel que pode haver: acabar com ela.

"Senti-me como se fosse a única pessoa gay da minha idade no Mundo. Senti, que não havia sitio algum onde ir para falar com alguém. Ao longo no 8º ano deitei-me todas as noites rezando para que não conseguisse acordar na manhã seguinte e todas as manhãs acordava e me sentia desapontado. E finalmente decidi que se ia morrer, isso teria de acontecer através das minhas próprias mãos." (Equipa Projecto Descentrar, 2003)

Vários estudos foram feitos sobre o suicídio entre homossexuais, nos Estados Unidos, Bélgica, entre outros...

"Um estudo Belga apresentado no 7º Simpósio Europeu sobre Suicídio e Comportamento Suicida e levado a cabo pelos professores John Vinckle e Kees Van Heeringen da Universidade de Gent, revelou que cerca de 5,9% dos rapazes heterossexuais jovens haviam tentado o suicídio, comparados com os 12,4% dos inqueridos homo e bissexuais masculinos. As percentagens correspondentes para as raparigas foram 5,4% para as jovens heterossexuais e de 25% para as jovens homo ou bissexuais." (Equipa Projecto Descentrar, 2003)

Como podemos verificar, os homossexuais constituem o grosso desta estatística. A justificação mais plausível que se encontra para estes resultados é o facto destes sofrerem uma grande pressão no dia a dia. A discriminação está presente em cada momento das suas vidas. A auto-aceitação, na maioria das vezes, não é fácil! Tal também se deve à elevada homofobia internalizada e conseqüente baixa da auto-estima levando os indivíduos a cometer actos auto-destrutivos e auto-mutilatórios.

Várias doenças transmissíveis foram associadas aos homossexuais durante anos, a principal foi o HIV.

Nos tempos de hoje é algo que está a perder fundamento. Já foram feitos vários estudos e as estatísticas dizem que o vírus do HIV, actualmente, está a afectar mais heterossexuais do que homossexuais.

As pessoas pegam em tudo que têm à mão para ofender e discriminar pessoas que não sigam a norma imposta pela sociedade.

2.4 Estereótipo

Desde sempre a sociedade estereotipou os homossexuais. "Todos os gays são efeminados e todas as lésbicas são masculinizadas." Esta é a imagem que a maioria das pessoas tem, mas que não corresponde à realidade. Todos os gays e lésbicas vestem-se e agem como qualquer outra pessoa. Os homossexuais que pertencem a esse estereótipo são a minoria.

A sociedade ficou com esta imagem dos homossexuais por causa dos Prides. Mas têm que ter em atenção que quem vai aos Prides é uma minoria. Pessoas que tenham uma vida estável, que trabalham, que vivam em união com alguém não têm tanta disponibilidade para se deslocar às manifestações. No entanto, nos dias de hoje isso já está mudar devido à presença das várias associações LGB que tentam participar nesses manifestações.

A verdade é que os estereótipos existem e os próprios homossexuais são influenciados por isso, uma vez que crescem com esse estereótipo. Devido à discriminação existente, faz com que homossexuais se esforcem em seguir o padrão masculino-heterossexual acabam por discriminar os homossexuais efeminados.

"Temos o erro recorrente entre os homossexuais, que, para combater o estereótipo do "efeminado", mostram-se "masculinos", que, no final, pode gerar como um subproduto o reforço ao preconceito contra os efeminados, a prisão heterocêntrica dos heterossexuais e o próprio reforço ao preconceito que eles, homossexuais no todo, sofrem." (Armário x, 2003)

Do lado das mulheres é praticamente a mesma coisa. A maioria discrimina as mulheres masculinizadas. Estas, normalmente, são as que se identificam melhor, por isso é que esta imagem foi construída e mantida durante muitos anos.

2.5 Religião

Deus é contra a homossexualidade? O que é que a Bíblia diz que indique ser contra a homossexualidade?

"As palavras mais lindas no evangelho de Jesus são *"qualquer um"*. Ou seja, as promessas de Deus são destinadas a todo ser humano, incluindo gays." (Eastman, 1990)

Por muitos séculos os cristãos tiveram atitudes muito negativas em relação à sexualidade. Sexo era para a procriação e não para tirar prazer pessoal. Algumas igrejas vêem todas as atitudes homossexuais como pecado, enquanto que outras, por influência do pensamento que a psicanálise promoveu, diziam ser uma doença. No entanto, apesar dessa teoria ser negada nos dias de hoje, muitos continuam a dizer que os homossexuais são doentes, imperfeitos e precisam de cura. Quem era a favor da escravidão também dizia que estava na Bíblia que o branco era superior ao negro. Agora resta saber se a Bíblia mudou. Não... a Bíblia não mudou, as interpretações é que sim.

O Cristianismo não se opôs sempre à homossexualidade. Até cerca de 1200, a homossexualidade era aceite na Europa Cristã. "Pela altura da Alta Idade Média existia uma sub-cultura gay emergente e um corpo de literatura gay padrão estudada nas Universidades dirigidas pela Igreja" (Azulrps, 2003)

A Religião diz-nos que a homossexualidade é uma aberração da Natureza, contudo, as investigações científicas mostram que a homossexualidade é uma variável normal.

Dizem que os Homens gostam de enfrentar Deus e que, por isso mesmo, fogem à normalidade, interpretando a homossexualidade como um opção sexual, o que à partida já está errado. Defendem-se assim, dizendo que a homossexualidade só existe entre humanos, que os outros animais não praticam actos homossexuais. Mas como já se sabe, está mais que provado que a homossexualidade existe em qualquer espécie animal!

"Em 1998, arqueólogos austríacos encontraram na fronteira da Áustria com a Itália, nos Alpes, um corpo congelado

datando de 14000 anos atrás. Tratava-se de um guerreiro da idade da pedra, que estava perambulando pelos Alpes quando deve ter sido pego por uma nevasca e sucumbiu. Graças às baixas temperaturas, o guerreiro, que pelas tatuagens pôde também ser identificado como chefe da tribo, foi preservado intacto. Estudos minuciosos concluíram que se tratava de um homossexual, pois haviam resquícios de esperma, com características sangüíneas diferentes da sua, em seu reto. Isto remete que o homossexualismo era natural da espécie humana (assim como é aos leões) antes do aparecimento da cultura Judaico-Cristã." (s.a., s.d.)

2.6 Sentido biológico da Homossexualidade

Os cientistas têm feito um longo caminho para descobrir a origem da homossexualidade.

O preconceito ajudou a adiar a discussão sobre a homossexualidade. Em 1987, o biólogo americano W. J. Tennent, depois de descrever a homossexualidade de borboletas de Marrocos, afirmou: "Talvez seja um sinal dos tempos o fato de a literatura entomológica estar no caminho da decadência moral e das ofensas sexuais". (s.a., s.d)

Na revista Science saiu uma pesquisa onde o investigador concluiu que as células do hipotálamo (região do cérebro responsável pela elaboração das emoções e dos sentimentos eróticos) dos homossexuais são menores do que as dos heterossexuais. No entanto, esta teoria não é conclusiva para a genética porque não comprova que o tamanho das células do hipotálamo era inferior desde o nascimento ou se foram diminuindo com o tempo.

Muitas pessoas dizem que a homossexualidade é fruto de uma transmissão genética de pais para filhos. Mas como que homossexuais transmitiam a homossexualidade para seus filhos se estes se relacionam com pessoas do mesmo sexo? Um factor que tem de ser considerado é que há mais bissexuais em toda a Natureza, o que pode transmitir os genes. E também há a possibilidade que os genes pulem gerações como acontece em outros factores.

No entanto, tudo o que se sabe sobre este assunto ainda é especulação, mas tudo indica que haja uma forte componente genética na homossexualidade. O facto desta ser genética, não quer dizer que seja uma doença. Estudos feitos em animais têm demonstrado o quão natural a homossexualidade.

2.7 Homossexualidade Vs Bissexualidade

Existe diferença entre homossexualidade e bissexualidade? A bissexualidade é uma forma de homossexualidade?

Estas são algumas perguntas feitas sobre o assunto. As respostas são simples. Existe diferença entre homossexualidade e bissexualidade e a bissexualidade não é uma forma de homossexualidade!

Antes de mais convém saber que os Bissexuais sofrem de grandes discriminações. Tanto da parte dos heterossexuais como dos homossexuais. Heterossexuais dizem que não têm vergonha na cara e os homossexuais tratam os bissexuais por homossexuais não resolvidos.

Homossexualidade é o termo que se usa para definir um grupo de pessoas, que se sente física e psicologicamente, atraído por pessoas do mesmo sexo. Enquanto que bissexualidade é o nome que se dá a um grupo de pessoas, por acaso bastante numeroso, que se sente atraído física e psicologicamente por homens e mulheres. Não são homossexuais nem heterossexuais, são bissexuais.

Em semelhança aos homossexuais, e uma vez que estes eram punidos pela sua orientação, os bissexuais são discretos acerca dos seus sentimentos. No entanto, tal como a heterossexualidade e homossexualidade, a bissexualidade sempre existiu.

Estes estão agora a aproveitar-se da luta que tem havido da parte dos homossexuais e da maior tolerância da parte dos heterossexuais para se afirmarem também perante a sociedade.

No entanto, apesar das diferentes orientações sexuais, estes grupos têm muito de semelhante.

Pode haver muitas dúvidas em relação à homossexualidade e bissexualidade, mas de uma coisa todos temos de ter certeza, o Ser Humano precisa de carinho, amor, afecto, compreensão, companheirismo, seja ele homossexual, bissexual ou heterossexual.

Algo que é imprescindível referir é que, para qualquer psicólogo, é antiético querer mudar a orientação sexual de uma pessoa, mesmo que seja a pedido dos pais. O máximo que este pode fazer é organizar consultas em que ambos os lados estejam presentes e tentar que pais

e filhos se entendam apesar de terem orientações distintas, tentar que os pais aceitem a orientação do filho para que todos consigam continuar sua vida de uma forma saudável e harmoniosa.

3- Descrição detalhada da Pesquisa das Fontes

Tendo escolhido o tema para realizar o trabalho (Homossexualidade) e depois de organizar e escolher as vertentes que ia pesquisar (Sociedade; Adopção e Casamento, Pedofilia, Suicídio, HIV, Estereótipo, Religião, Sentido Biológico da Homossexualidade e Homossexualidade Vs Bissexualidade) fiz um anotamento dos temas e do assunto que queria abordar em cada um deles para que não me dispersasse do objectivo inicial.

As fontes que utilizei tiveram em conta o tempo que dispunha para fazer o trabalho e da localização em que me encontrava, pelo que utilizei materiais impressos, uma vez que eram mais fiáveis, como livros, dicionários, jornais, revistas, literatura cinzenta, como um manual para a formação de Fundadores e Coordenadores de Grupo de Jovens LGBT, que me foi gentilmente cedido pela associação rede ex-aequo e também utilizei a Internet como fonte de pesquisa. Esta forneceu-me alguns textos importantes para a realização deste trabalho, facilitou-me o acesso e conhecimento às associações LGBT existentes no nosso país e fora dele. Alguns dos sites destas associações deram-me acesso a algumas estatísticas e à legislação.

As palavras-chave que utilizei ao longo do trabalho e que me facilitaram bastante a pesquisa foram: "Homossexualidade", "Homossexual", "Homofobia", "Gay", "Lésbica", "Orientação Sexual", "Bissexual", "Homossexualidade/Religião", "Lesbianismo" e "Associações LGBT Portugal".

Numa primeira pesquisa geral utilizei apenas um motor de busca, o mais conhecido de todos nós, o google. Escolhi o google devido à quantidade de informação que nos fornece. No entanto, encontrei muito ruído neste tipo de pesquisa. Devido ao alinhamento que o google tem, a pesquisa não foi fácil pois encontrei coisas úteis, mas também encontrei muitos blogs e páginas sem qualquer interesse, para os quais de nada servem. Devo salientar que pesquisei apenas sites que tinham identificação do autor, data de actualização ou então quando algum site me encaminhava para lá. Devido ao ruído, utilizei alguns operadores booleanos, especialmente o AND, as aspas e parêntesis. Uma outra coisa que tive em atenção foi a nacionalidade das páginas

que estava a consultar, apesar de, no trabalho não me querer referir a nenhum local específico, mas também não me queria dispersar muito de Portugal. Para isso prestei atenção às extensões dos endereços. Ao longo da pesquisa fui adicionando os endereços que achei úteis aos favoritos ou então quando estava num computador público ou na faculdade apontava num papel para depois ter acesso a eles novamente. Alguns deles tive que procurar em cache.

Comecei então o trabalho com uma pesquisa simples, pela palavra "Gay", deparei com muito ruído. Esta pesquisa forneceu-me 119.000.000 registos. Aí, pesquisei com uma palavra mais ou menos comum entre nós, "Homossexualidade" que me deu um número elevado de resultados, 67.300 ao todo, mas que, apesar disso me forneceu alguns sites que me acompanharam nalguns temas, nomeadamente "**Homossexualidade**" não é pecado não é doença (Eastman, 1990), e *Gayjovem*, (s.a., 2004). Depois disso fiz outras pesquisas, usando a palavra "lésbica", a qual me deu menos ruído, apresentando-me um número de registos inferior à primeira pesquisa, 218.000 registos, mas não muito úteis para o tipo de trabalho que tinha em mente.

Continuei à procura e usei a palavra "lesbianismo" que me forneceu 62.300 registos. Nestes registos encontrei alguns endereços dos quais li e retirei informação sobre o assunto. Numa pesquisa mais sistemática procurei com as palavras "Associações LGBT+Portugal" que me deu 344 registos. Daí retirei informação bastante relevante para o trabalho, uma vez que, esta pesquisa me forneceu sites fiáveis de associações portuguesas como "Clube Safo", "Opus Gay - Portugal Direitos", "Associação Ilga Portugal".

Depois desta pesquisa, continuei à procura de mais informação, mas agora recorri aos sites das associações, os quais me deram bastante informação e forneceram-me outros endereços, tanto de associações como de páginas importantes. Um dos sites para o qual me encaminharam foi o da *rede ex-aequo*. Esta associação é das mais recentes em Portugal e é muito bem dirigido pela presidente Rita Paulos e pela actual sub-presidente Sara Martinho. Constatei que têm núcleos espalhados por todo país incluindo Coimbra (fundado por Carolina Motta, Hugo Frazão e Sérgio Manuel). Depois de retirar o endereço do núcleo de Coimbra da Internet, disponibilizei-me para ir a uma reunião do grupo, na qual fui muito bem recebida. Estas reuniões têm como objectivo apoiar jovens que tenham problemas

familiares, escolares, profissionais, entre outros e informar LGBTs (neste último grupo estão incluídos familiares, amigos ou simplesmente pessoas que não têm preconceitos em relação aos homossexuais), sobre o que se passa no nosso país a nível de legislação ou informar sobre alguma dúvida que tenham... No fim da reunião, a Presidente Rita Paulos, actualmente residente em Coimbra, esteve-me a tirar algumas dúvidas e a fundadora e ex-coordenadora Carolina Motta, forneceu-me um jornal LGBT, o qual utilizei como fonte de pesquisa, retirando muita informação útil para o trabalho e até mesmo para minha informação pessoal, cedeu-me também um exemplar do manual que usaram para se formarem como coordenadores e a sua disponibilidade para o caso de precisar de mais alguma informação.

Utilizei esse manual e o jornal para perceber alguns termos usados e retirar alguma informação relevante, acabando também por abusar da gentileza da Fundadora Carolina Motta para a realização do trabalho.

Pensando que ainda poderia encontrar mais informação na Internet, continuei à procura, ainda no google, com as palavras "Homofobia" que me forneceu 98.400 registos. Como num dos temas, queria referir especificamente sobre Religião, procurei então "Homossexualidade AND Religião" que me deu 15.400 registos. Por fim, na minha última tentativa no google, pesquisei "Orientação Sexual" que me forneceu 123.000. Nestas pesquisas encontrei sites que considere importantes para a realização deste trabalho, apesar do grande ruído encontrado em todas as pesquisas.

Ainda na Internet, consultei o catálogo electrónico da Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e fiz uma pesquisa simples pela palavra "Homossexualidade", a qual me devolveu 3 resultados. Não utilizei nenhum deles para a realização do trabalho porque não me pareceram essenciais, numa segunda pesquisa, também em pesquisa simples, utilizei a palavra "Homossexual" a qual me devolveu exactamente os mesmos registos que na pesquisa anterior. Numa terceira pesquisa, também no catálogo da FEUC, utilizei a palavra "homofobia", que para meu desgosto não me devolveu nenhum resultado. Numa tentativa de conseguir mais resultados, fui directamente ao Catálogo da *Sirius* e mais uma vez, coloquei a palavra "homossexualidade" que me devolveu 9 resultados. Nestes 9 resultados utilizei um deles: *Tenho uma coisa para vos dizer:*

o percurso de uma família com um filho homossexual, de Gilbert Herdt (2002). Este livro serviu-me de apoio para algumas partes do trabalho, nomeadamente para o tópico "Sociedade", mais especificamente "Família".

No catálogo da IPAC, pesquisei também a palavra "Homossexualidade" mais uma vez, e devolveu-me 5 resultados, os quais não me foram muito úteis. Ainda na IPAC, pesquisei a palavra "homofobia" que me forneceu um resultado: *A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais*, de Henrique Marques Pereira (2001). No entanto, devido à dificuldade em aceder a este, uma vez que está localizado na Biblioteca Nacional, não pude fazer pesquisa.

Ainda numa pesquisa avançada, na IPAC, utilizei a opção "Palavras no título" e pesquisei por Homossexualidade que me devolveu 20 registos. Nestes 20 registos utilizei dois deles, para a realização do trabalho. Um deles foi o *Gayvota: um olhar (por dentro) sobre a homossexualidade*, de Guilherme de Melo (2002), e o outro *A Homossexualidade*, de Jacques Corraze (198?). Este último tinha apenas um exemplar na Biblioteca de Penafiel.

Numa ida a Penafiel, resolvi ir até à biblioteca e aí mesmo fiz pesquisa deste dois livros, um vez que esta também continha o primeiro.

Numa última pesquisa, decidi mais uma vez, ir ao catálogo da FEUC pesquisar livros de Miguel Vale de Almeida, um dos mais famosos escritores sobre este assunto. Entre os livros apresentados vi e li alguns, mas o que mais se adequava ao trabalho era *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, (1995). Uma nota que acho importante referir é que Miguel Vale de Almeida pertence à redacção do jornal *el gêbêê* de 2003.

O livro *A Homossexualidade*, de Jacques Corraze serviu, principalmente, para ter noção da evolução que houve nos últimos anos em relação à homossexualidade, uma vez que este livro apresenta ideias bastante retrógradas para a actualidade.

Uma vez feita a pesquisa, achei que as fontes que possuía eram suficientes para a realização do trabalho. Depois de comparar e organizar toda a informação que tinha em mãos, comecei finalmente a escrever o trabalho.

Por fim, acho também importante referir que fiz confronto de fontes para avaliar as diversas áreas envolvidas no assunto, dentro dos possíveis. Por vezes foi complicado ou até mesmo impossível fazer esse confronto.

4- Ficha de Leitura

O livro que serviu de apoio para a ficha de leitura foi *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade* de Miguel Vale de Almeida, editado em 1995 pela Fim de Século Edições. Este livro encontra-se na Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra com a cota 316.6 ALM e o ISBN 972-754-077-5. Este livro está organizado em sete capítulos, dos quais escolhi o IV "Género do Género", que se divide em três temas "Sexo, género, e feminismo", "Discurso e prática" e "Masculinidade hegemónica", para a realização da ficha de leitura. Para me centrar num só tema escolhi o último e que contém 7 páginas.

Miguel Vale de Almeida nasceu em 1960 na cidade de Lisboa e fez a sua formação académica em Portugal e nos Estados Unidos. Este realizou trabalho de campo em 1990-91 no Alentejo. Actualmente é Professor Auxiliar no Departamento de Antropologia Social do ISCTE em Lisboa.

Este texto foi importante para a realização do trabalho uma vez que me deu uma noção de género e as suas origens entre outros conceitos. Apesar de não mencionar o assunto directamente, este é importante na medida em que nos diz o porquê da mudança de mentalidades ao longo dos séculos em relação à homossexualidade e dos papéis de homens e mulheres na mesma. Como já referi antes, o texto que aqui vou apresentar "Masculinidade hegemónica" insere-se na problemática "Género do Género" que se encontra no capítulo IV.

Para este estudo, Miguel Vale de Almeida fez trabalho de campo numa aldeia chamada Pardais, no Alentejo. Este procurava saber o que era ser homem do ponto de vista social e antropólogo uma vez que ele considera que a masculinidade não é universal, mas sim que os factores para ser homem variam de cultura para cultura. A pergunta de "o que é ser homem?" é mais complexa do que possa parecer, uma vez que tanto os papéis femininos como os masculinos tidos como normal nas culturas eram levados para o campo da sexualidade

Apoiando-se em Connell (1987) o autor considera o uso da noção de "masculinidade hegemónica" central, isto é, uma variedade

particular de masculinidade subordina outras variedades. Nos homens existe uma divisão entre a masculinidade hegemónica e as masculinidades subordinadas. A masculinidade é construída por uma série de factores dentro dos quais estão, as relações de poder, a interrelação pela divisão do trabalho e factores de ordem emocional. Por isso mesmo, segundo o autor, esta forma de masculinidade exaltada só se verifica num pequeno número de homens.

Segundo Miguel Vale de Almeida, Connell não deixa de realçar que um dos traços importantes da masculinidade hegemónica, junto com a sua conexão com a dominação, é o facto de ser heterossexual.

A dominação masculina não precisa de explicação, uma vez que está predominantemente presente nos discursos poéticos. Talvez por isso a visão dominante esteja também presente na vida material. Esta divisão de actividades e coisas faz parecer que a diferença está na natureza, mas a verdade é que não passa de mentalidade. Segundo Bourdieu, um dos autores em que o autor se apoia para a realização do trabalho, os homens são dominados pela sua dominação, uma vez que a imagem masculina constrói-se em espaços reservados entre homens, onde permanecem jogos de competição, "estabelecendo uma dissimetria entre homens e mulheres". (1995: 151)

Como Merleau-Ponty, Bourdieu procura inclinar o estudo para a análise dos modos de estar na vida social. Segundo este, o conceito de *habitus* trata-se de um sistema de disposições que duram e que é inconsciente e colectivamente transmitido para a geração e estruturação de práticas.

Numa segunda abordagem o autor refere que a *performance* toma como sujeito e método o corpo experiente situado no tempo. Hoje em dia, a sexualidade é algo que todos nós temos, não como sendo uma condição social, mas sim um conjunto de factores desde o corpo, auto-identidade e normas sociais. A sexualidade foi privada ao mesmo tempo que a negação do prazer feminino, levando depois a homossexualidade para o lado do perverso.

O género trata de definir outros modelos de masculinidade, o conceito é entendido como uma estrutura de relações sociais, onde várias masculinidades não-hegemónicas subsistem, mesmo sendo reprimidas pelo senso comum.

O texto, como já foi acima referido, gira em torno na masculinidade. Este tenta transmitir qual é o papel do homem na

sociedade actual e o porquê. De forma talvez indirecta, Miguel Vale de Almeida tenta justificar o porquê de tanto preconceito em relação à homossexualidade, mostrando que esta não existe por ser contra a natureza, mas por uma questão de mentalidade.

O texto apresenta-se bem estruturado e acrescenta bastante informação ao tema da masculinidade onde se pode inserir a homossexualidade masculina. O autor utiliza uma linguagem científica específica o que por vezes tornou o texto de difícil compreensão, mas ao mesmo tempo interessante, não só para o trabalho em si, mas também a nível pessoal.

Miguel Vale de Almeida apoiou-se em vários autores ao longo do texto, dos quais Bourdieu, Merleau-Ponty e Giddens tiveram grande influência. É importante referir que também neste texto foi mencionada a escola de *objects relations* representada por Nancy Chodorow onde se segue as influências freudianas, por oposição ao pós-estruturalismo Lacaniano.

5- Avaliação de uma Página Web

Para avaliação da página Web, escolhi uma página do site da associação da rede ex-aequo <<http://ex-aequo.web.pt/amigo.html>>. Para se ter acesso a esta página a partir do *index* do *site*, há que aceder em primeiro lugar a <www.ex-aequo.web.pt>, em seguida entra em "questões" e por fim em "tenho um amigo homossexual".

No que diz respeito ao *site*, este é o site da associação da rede ex-aequo, como já foi acima referido, estando a sua equipa devidamente identificada: a Directora é Rita Paulos e actualmente a Vice-Presidente é Sara Martinho. Sendo assim, podemos dizer que este *site* é fiável devido ao tipo e quantidade de informação que nos fornece, e uma vez que esta nos direcciona para sites igualmente importantes. Como podemos observar qualquer página deste site apresenta-nos a opção *links* que nos encaminha para esses mesmos sites. Além disso, apesar desta página em específico não ser sugerida por outros *sites*, o site é sugerido por vários outros sites, nomeadamente o da Associação Ilga Portugal e Clube Safo, o que faz que a credibilidade deste aumente. Uma outra forma de comprovar a fiabilidade de uma página é confirmar a existência de algum contacto nesta. Neste caso, a página tem mais um ponto a seu favor, pois ela fornece-nos o nº de telemóvel da associação, o nº do fax, a morada onde está situada a associação e finalmente o endereço de e-mail, onde podemos entrar em contacto com toda a direcção.

O acesso ao site é gratuito e de fácil acesso devido à sua boa apresentação e organização.

No que respeita à página, esta é especificamente direccionada para um só assunto que está directamente ligado ao tema da homossexualidade. A página é-nos apresentada com um título referente ao assunto que vai ser abordado nesta "O que fazer se um amigo me revelar que é homossexual". De seguida, apresenta-nos algumas sugestões direccionadas para alguém que tenha um amigo homossexual, depois deste revelar a sua orientação sexual. Esta página e a informação que esta contém é da autoria da associação da rede ex-aequo, o que me leva a acreditar mais ainda na fiabilidade da

página, uma vez que esta também é reconhecida nacional e internacionalmente.

Como dizia, este documento tem como objectivo informar e apoiar pessoas que tenham um amigo/a homossexual que não saibam como reagir. Este documento explica também porque é que a maioria das pessoas ficam sem reacção quando um amigo lhes faz tal revelação. Esse documento está devidamente estruturado e datado, está escrito de uma forma clara e acessível para qualquer leitor.

Considero o conteúdo desta página bastante importante, pois encontrei informação que não localizei noutras páginas nem num outro tipo de fontes. Temos que ter em atenção que a maioria dos apoios encontrados, neste campo, são sempre direccionados aos LGBT ou a familiares, deixando um pouco de parte a dificuldade e a falta de informação que, por vezes, os amigos apresentam. Um ponto negativo nesta página é o facto de não explicitar a que fontes se apoiaram para a realização do texto, no entanto há que ter em atenção que não passam de sugestões fornecidas pela equipa. Esta página foi actualizada a 6 de Fevereiro de 2004, mas o respectivo site foi actualizado a 12 de Janeiro de 2005, o que me leva a crer que a página não tenha sido actualizada, por abandono, mas sim por não haver actualizações importantes ou necessárias a serem feitas.

Esta página forneceu-me informação importante para a realização do trabalho como já tinha referido, apesar de não estar organizada num discurso científico.

Resumindo, posso dizer que esta página é interessante, útil e fiável, apesar de conter um aspecto negativo, que eu tenha identificado, que é o facto de não referir as fontes que foram utilizadas.

6- Conclusão

Penso que este trabalho foi proveitoso apesar de não conseguir desenvolver os temas como queria devido à falta de tempo.

Ao longo do trabalho fui tentando responder às perguntas que formulei inicialmente, as quais me fizeram entender que a questão da homossexualidade ainda hoje é muito complicada na maioria das sociedades. Tentei-me apoiar em associações de defesa dos direitos LGBT, em páginas da Internet que falavam da ciência, livros mais específicos sobre o assunto uma vez que estas me pareciam fiáveis. Ao mesmo tempo tentei fazer um confronto de épocas e mentalidades para vermos a mudança de mentalidades que houve no Mundo.

É verdade que a maneira como as pessoas encaram a homossexualidade regrediu uma vez que na Grécia Antiga esta era a mais correcta e aceitável entre todos, mas a dominação do mundo Ocidental fez cair em decadência este conceito, levando assim para o perverso e imoral, mas também é verdade que tem havido uma evolução significativa em relação à aceitação por parte das pessoas a uma forma de amar diferente. Mas ainda não chega, como podemos verificar a sociedade diz aceitar a homossexualidade, mas a realidade é que quando homossexuais manifestam um acto de carinho e amor em público ainda são fortemente discriminados física e verbalmente.

Eu poderia ter abordado o tema de um modo mais científico, respondendo à questão de ordem fisiológica, ou como é que apareceram os homossexuais, o que os fez ser homossexuais. Mas a verdade é que não há justificação para a homossexualidade e não sei se algum dia haverá. Provavelmente não. Além disso achei mais interessante e entusiasmante entrar no assunto estando na visão deles, tive assim a oportunidade de entender a maneira como estes vêem o assunto até para meu interesse pessoal.

Este trabalho foi importante também porque me permitiu aplicar conhecimentos aprendidos nas aulas de Fontes de Informação Sociológica como conhecer e aperfeiçoar as diferentes fontes de informação, ensinou-me a fazer uma pesquisa mais sistemática e aperfeiçoada, avaliar uma fonte, se é fiável ou não, trabalhar com fontes especializadas, utilizar os diferentes catálogos bibliográficos existentes, lidar com um grande número de informação e saber

organizá-la de forma lógica e coerente. Ajudou-me também a familiarizar-me com o vocabulário específico das ciências sociais e a citar correctamente referências bibliográficas.

7- Referencias bibliográficas

a) Fontes impressas

- Almeida, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Corraze, Jacques (198?), *A Homossexualidade*. Porto: Rés.
- *el gêbêê* (2003a), "Dizemos não à discriminação no trabalho", Junho.
- *el gêbêê* (2003b), "O meu filho é homossexual. E agora?", Junho.
- *el gêbêê* (2003c), "Adopção e Parentalidade", Junho.
- *el gêbêê* (2003d), "É possível que casais homossexuais adoptem?", Junho.
- Equipa Projecto Descentrar (2003), "Formação de Fundadores e Coordenadores de Grupos de Jovens LGBT". *Manual de formação de Fundadores e Coordenadores de Grupos de Jovens LGBT*. Projecto Descentrar Associação Ilga Portugal, 2ª edição.
- Melo, Guilherme de (2002), *Gayvota: um olhar (por dentro) da homossexualidade*. Lisboa: Notícias.

b) Fontes electrónicas

- (s.a), (s.d), "Gayjovem". Página consultada em 22 de Dezembro de 2004. Disponível em <http://www.geocities.com/gayjovem/homociencia>.

- Armário X (2003), "Armário X - Dicas e Informação para quem deseja sair do armário". Página consultada a 22 de Dezembro de 2004. Disponível em <<http://www.armariox.com.br/htm/artigos/pages/002-estereotipos.htm>>.
- Associação Opus Gay (2003), "Opus Gay - Obra Gay Associação". Pagina consultada a 30 de Dezembro de 2004. Dsponivel em <<http://www.opusgay.org/old/opusgay/>>.
- Azulrps, (2003), "*Argumentos religiosos contra a homossexualidade?*". Página consultada a 22 de Dezembro de 2004. Disponível em <<http://homofobia.com.sapo.pt/argumentos.html>>.
- Eastman (1990), "'Homossexualidade", Não é pecado não é doença". Página consultada a 22 de Dezembro de 2004. Disponível em <http://www.soulfoodministry.org/docs/Portugese/Port_NotASin.htm>.
- rede ex-aequo (2004), "*Como assumir-se aos pais?*". Página consultada a 22 de Dezembro de 2004. Disponível em <<http://ex-aequo.web.pt/pais2.html>>.

Glossário

Bissexual: Assim como a heterossexualidade se define como sendo a atracção exclusiva por pessoas do sexo oposto e a homossexualidade por pessoas do mesmo sexo, a bissexualidade caracteriza-se pela atracção por pessoas dos dois sexos. À semelhança dos seus homólogos, esta orientação sexual não pode ser reduzida a uma atracção física, pois inclui os mesmos sentimentos e investimentos numa relação. Uma pessoa bissexual pode apaixonar-se por um homem ou por uma mulher e viver completamente realizada com essa pessoa.

Coming Out: Passagem voluntária de um estado de confusão e negação para um estado de autenticidade, identificando-se perante si e perante os outros como gay, lésbica ou bissexual.

Gay: 1) diz-se de um homem que se sente atraído fisicamente, emocionalmente e espiritualmente por um outro homem;

2) Usado por vezes como sinónimo de homossexual. Em inglês o termo *gay* engloba quer o homem homossexual como a mulher homossexual.

3) Enquanto *gay*, termo isolado diz respeito a homem, numa expressão como *comunidade gay* engloba-se gays, lésbicas, bissexuais e ainda transgéneros.

Heterossexual: Pessoa que se sente atraída física, emocional e espiritualmente por pessoas do sexo diferente dos seu.

Heterossexista: O termo "heterossexista" não é familiar para muitos porque é relativamente recente. Só há relativamente pouco tempo é que tem sido utilizado, juntamente com "sexismo"

e "racismo", para nomear uma opressão paralela, que suprime os direitos das lésbicas, gays e bissexuais. Heterossexismo descreve uma atitude mental que primeiro categoriza para depois injustamente etiquetar como inferior todo o conjunto de cidadãos. Numa sociedade heterossexista, a heterossexualidade é tida como normal e todas as pessoas são consideradas heterossexuais, salvo prova em contrário. A heterossexualidade é tida como "natural", quer em termos de estar próximo do comportamento animal, quer em termos de ser algo inato, instintivo e que não necessita de ser ensinado ou aprendido.

Homofobia: A homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afectivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito *heterossexista* e da discriminação anti-homossexual.

Homossexual: O termo homossexual designa as pessoas, homens ou mulheres, que se sentem atraídos física e sentimentalmente por pessoas do mesmo sexo.

Lésbica: Diz-se de uma mulher que se sente atraída fisicamente. Emocionalmente e espiritualmente por uma outra mulher.

Movimento gay (também conhecido como movimento GLBT ou LGBT): É o esforço ao longo da história para obter compreensão e tratamento igual para gays, lésbicas, bissexuais e transgéneros. É usado frequentemente para designar as lutas contra a discriminação, pelos direitos legais e também as associações que levam a cabo essas lutas.

Transgénero: Também o mesmo que "transgender" é alguém que não corresponde às "caixinhas" tradicionais dos géneros. No quadro português, são todas as pessoas que não se comportam como o "homem" ou como a "mulher" que se esperaria que fossem (em função do seu aparelho reprodutor).

Fonte: Formação de Fundadores e Coordenadores de Grupos de Jovens LGBT, Equipa Projecto Descentrar, 2ª Edição, 2003.

Anexo I

Página da associação ex-aequo avaliada



Anexo II

Página da associação opus gay onde contém o articulado final enviado pelo governo a esta associação com o artigo 22º/23º/24º do Código de trabalho.

The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window displaying the website of Opus Gay. The address bar shows the URL <http://www.opusgay.org/old/opusgay/>. The page content is organized as follows:

- Subsecção III**
 - Igualdade e Não Discriminação**
 - Divisão I**
 - Disposições Gerais**
 - Artigo 22º**
(Direito à igualdade no acesso ao emprego e no trabalho)
 1. Todos os trabalhadores têm direito à igualdade de oportunidades e de tratamento no que se refere ao acesso ao emprego, à formação e promoção profissionais e às condições de trabalho.
 2. nenhum trabalhador ou candidato a emprego pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito, ou isento de qualquer dever em razão, nomeadamente, de ascendência, idade, sexo, orientação sexual, estado civil, situação familiar, património genético, capacidade de trabalho reduzida, deficiência, doença crónica, nacionalidade, origem étnica, religião, convicções políticas ou ideológicas e filiação sindical.
 - Artigo 23º**
(Proibição de discriminação)
 1. O empregador não pode praticar qualquer discriminação, directa ou indirecta, baseada, nomeadamente, na ascendência, idade, sexo, orientação sexual, estado civil, situação familiar, património genético, capacidade de trabalho reduzida, deficiência, doença crónica, nacionalidade, origem étnica, religião, convicções políticas ou ideológicas e filiação sindical.
 2. Não constitui discriminação o comportamento baseado num dos factores indicados no nº anterior, sempre que, em virtude da natureza das actividades profissionais em causa ou do contexto da sua execução, esse factor constitua um requisito justificável e determinante para o exercício da actividade profissional, devendo o objectivo ser legítimo e o requisito proporcional.
 3. Cabe a quem alegar a discriminação fundamentá-la, indicando o trabalhador ou trabalhadores em relação aos quais se considera discriminado, incumbindo ao empregador provar que as diferenças de condições de trabalho não assentam em nenhum dos factores indicados no nº 1.
 - Artigo 24º**
(Assédio)
 1. Constitui discriminação o assédio a candidato a emprego e a trabalhador.
 2. Entende-se por assédio todo o comportamento indesejado relacionado com um dos factores indicados no nº1 do artigo anterior, praticado aquando do acesso ao emprego, ou no próprio emprego, trabalho ou formação profissional, com o objectivo ou o efeito de afectar a dignidade da pessoa, ou criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.
 3. Constitui, em especial, assédio, todo o comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o objectivo ou o efeito referido no número anterior.

The browser's taskbar at the bottom shows the system tray with the date 18-01-2005 and time 23:56. The taskbar includes icons for 'Iniciar', 'A Receber - Microsoft...', 'Trab de Fontes - Micr...', and 'Opus Gay - Obra Gay...'.

Anexo III

Texto "Masculinidade hegemónica" retirado do IV capítulo "O Género do Género" da obra *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade* de Miguel Vale de Almeida (1995).

respondência perceptual, com semelhanças que ligam entre si diferentes classes de fenómenos (por exemplo, mulher=casuar); 2) «genderizing»: uma antropomorfização polarizada dos fenómenos naturais com base do género, reaplicada sobre as construções culturais (Strathern 1978); 3) projecção focal: isomorfismos que isolam laços subjectivos entre órgãos (ou traços) humanos e outros fenómenos (ex: a flor do *pandanus* é um pénis); 4) fissão perceptual: categorização dos fenómenos em subtipos tácitos ou manifestos baseados em imagens subjectivas que polarizam os significados atribuídos aos membros das classes de género resultantes (ex: rapariga vs rapaz, *pandanus* vs casca de noz) (1981:299-300). A experiência masculina Sambia resultaria numa tensão subjectiva: entre o imperativo adulto de comportar-se sempre como um guerreiro masculino, e o sentido infantil nuclear de ter sido uma pessoa pequena e impotente, em tempos intimamente ligado à mãe.

De inspiração em Bourdieu e Giddens vimos ser a perspectiva de Robert Connell. Na sua proposta de uma nova sociologia da masculinidade (Carrigan, Connell e Lee 1985) três questões devem ser tomadas em linha de conta: 1) a questão do poder sexual deve ser abordada dentro das categorias sexuais, em especial a relação entre homens hetero e homossexuais, de modo a perceber a constituição da masculinidade como ordem política; 2) a análise da masculinidade precisa de ser relacionada com outros tópicos correntes no feminismo, como a divisão sexual do trabalho, a política sexual nos locais de trabalho e a inter-relação entre o género e a dinâmica das classes; 3) devem ser usados os desenvolvimentos da teoria social que ultrapassam as dicotomias de estrutura vs indivíduo e sociedade vs pessoa.

Masculinidade hegemónica

Parece-me central o uso da noção de «masculinidade hegemónica», ou seja, não o «papel» masculino, mas sim uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades ¹⁶.

¹⁶ Duas áreas de estudos não são abordadas no meu trabalho: a teoria dos *sex roles* e o campo dos *men's studies*. A primeira por pertencer a uma área especializada que não domino, a da Psicologia Social; a segunda por ser, no fundo, uma designação genérica, como o foi *women's studies*, que não me parece teoricamente pertinente. O Género, como estrutura de relações sociais deve ser o campo sociológico abrangente.

Se a fissura entre as categorias de «homem» e «mulher» é um dos factos centrais do poder patriarcal e da sua dinâmica, no caso dos homens, a divisão crucial é entre masculinidade hegemónica e várias masculinidades subordinadas (Connell 1987). Daqui segue-se que as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder mas também pela sua interrelação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional. Por isso, na empiria, se verifica que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens.

Connell não deixa de realçar que um dos traços importantes da masculinidade hegemónica, junto com a sua conexão com a dominação, é o facto de ser heterossexual (e o processo foucaultiano da passagem da noção de «luxúria» para a especificidade das «versões» seria fundamental para a constituição histórica da hegemonia).

Tal como Paul Connerton (1993) afirma em *Como As Sociedades Recordam*, também Bourdieu (1990) diz que é através dos corpos socializados, ou seja os *habitus*, e as práticas rituais, que o passado se perpetua no tempo longo da mitologia colectiva (1990:4). A dominação masculina não necessita de justificação, estando a visão dominante expressa nos discursos como os provérbios e poemas. Bourdieu chama atenção para o facto de não se estar a referir a uma ideologia: se as práticas rituais e os discursos míticos legitimam, o seu princípio não é porém a intenção de legitimar. Talvez por isso a visão dominante se exprima também nos objectos e práticas da vida material: na estrutura do espaço, nas divisões interiores da casa, na organização do tempo, nas práticas tanto técnicas como rituais do corpo, posturas, maneiras. Trata-se de um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de acção que, graças à concordância entre as estruturas objectivas e as cognitivas, gera a «atitude natural» da experiência dóxica.

A divisão das coisas e das actividades, segundo a oposição masculino/feminino insere-se num sistema de oposições homólogas, como o alto/baixo, sobre/sob, fazendo parecer que a diferença está inscrita na natureza das coisas. Isto chega ao corpo:

«La somatisation progressive des relations fondamentales qui sont constitutives de l'ordre social, aboutit à l'institution de deux «natures» différentes, c'est-à-dire de deux systèmes de différences sociales naturalisées qui sont inscrites à la fois dans les hexis corporelles, sous la forme de deux classes

opposées et complémentaires de postures, de démarques, de manières, de gestes, etc» (1990:8)¹⁷

O dominado não dispõe, para pensar, de outra coisa que não os instrumentos de conhecimento que tem em comum com o dominador, e que mais não são do que a forma incorporada da relação de dominação. Daí também que a relação entre dominantes e dominados não seja simétrica (como no caso dos mais poderosos socialmente terem mais liberdade sexual e as suas mulheres maiores exigências de virtude)¹⁸.

No processo de construção social do género (que Bourdieu chama sexo...) as categorias de percepção são construídas em torno de oposições que reenviam para a divisão do trabalho sexual, estruturando a percepção dos órgãos sexuais e da actividade sexual. Não deixa, porém, de afirmar que há possibilidade de resistência e de luta cognitiva, como na paródia e no carnavalesco.

O corpo biológico socialmente confeccionado é também um corpo político — uma política incorporada, o que se vê em toda a moral da honra, resumida (no caso Kabyle) numa só palavra (*gabrel*), «olhar de frente», e na postura corporal que ela designa (1990:20). É, aliás, através da mediação da divisão sexual dos usos legítimos do corpo que se estabelece o laço (que os psicanalistas conhecem) entre o *phallos* e o *logos*.

É comum dizer-se que os homens (ou muitos homens) são vítimas da sua dominação. Bourdieu diz que isso é verdade, só que são dominados pela sua dominação, o que faz uma grande diferença em relação às mulheres. O *habitus* masculino constrói-se e cumpre-se em relação com o espaço reservado onde se jogam, entre homens, os jogos da competição, estabelecendo uma dissimetria entre homem e mulher nas trocas simbólicas, uma dissimetria de sujeito e objecto, de agente e instrumento (e dá o exemplo do mercado matrimonial como realização paradigmática das relações de produção e reprodução do capital simbólico) (1990:27)

«La question des fondements de la division entre les sexes et de la domination masculine trouve ainsi sa solution: c'est

¹⁷ Tradução livre. «A somatização progressiva das relações fundamentais que são constitutivas da ordem social, tem por resultado a instituição de duas «naturezas» diferentes, isto é, de dois sistemas de diferenças sociais naturalizadas, simultaneamente inscritas nas hexis corporais, sob a forma de duas classes opostas e complementares de posturas, formas de andar, gestos, etc.»

¹⁸ Já o assinalava Pitt-Rivers (1971 [1954]) acerca das mulheres dos *señoritos* por oposição às mulheres dos jornalheiros em Grazelema.

dans la logique de l'économie d'échanges symboliques et, plus précisément, dans la construction sociale des relations de parenté et du mariage qui assigne aux femmes, universellement, leur statut social d'objets d'échange définis conformément aux intérêts masculins (c'est-à-dire primordiallement comme filles ou sœurs) et vouées à contribuer ainsi à la reproduction du capital symbolique des hommes, que réside l'explication du primat universellement accordé à la masculinité dans les taxonomies culturelles.» (1990:27)¹⁹

Bourdieu, pela «prática», e Merleau-Ponty, pela «percepção», são os arautos das duas mais famosas teorias da incorporação. Para o último, no domínio da percepção a dualidade principal é entre sujeito e objecto, enquanto que para o primeiro, no domínio da prática, é entre estrutura e prática. O objectivo epistemológico da incorporação seria o colapsar das dualidades (Csordas 1990:7). Para Bourdieu trata-se, pois, de delinear uma terceira ordem de conhecimento, para lá da fenomenologia e de uma ciência das condições objectivas de possibilidade da vida social. Como Merleau-Ponty, procura deslocar o estudo desde a percepção dos objectos para o processo de objectificação, ou da análise do facto social como *opus operatum* para a análise do *modus operandi* da vida social. Tal levaria ao colapsar das dualidades corpo-mente e signo-significado no conceito de *habitus*, que fora originalmente introduzido por Mauss (1980 [1936]) no ensaio sobre técnicas do corpo para referir a totalidade dos usos culturalmente padronizados do corpo. Bourdieu leva mais longe a definição. Trata-se não do *habitus* como uma colecção de práticas, mas como um sistema de disposições duradouras, que é o princípio inconsciente e colectivamente inculcado para a geração e estruturação de práticas e representações (1977:72, in Csordas 1990:7). O «socially informed body» é o princípio unificador que faz com que o *habitus* não gere práticas de forma aleatória.

Como será patente no capítulo VII, as teorias da *performance*, muito ligadas aos estudos de ritual (cf Turner 1974) e de antro-

¹⁹ Tradução livre: «A questão dos fundamentos da divisão entre os sexos e da dominação masculina encontra assim a sua solução: é na lógica da economia de trocas simbólicas e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e de casamento que atribui às mulheres universalmente o seu estatuto social de objectos de troca definidos conformemente aos interesses masculinos (isto é, primordialmente como filhas ou irmãs) e votadas a assim contribuírem para a reprodução do capital simbólico dos homens, que reside a explicação do primado universalmente atribuído à masculinidade nas taxonomias culturais.»

pologia do teatro e da experiência, também contribuem para compreender a incorporação. A pesquisa em torno da *performance* toma como sujeito e método o corpo experiente situado no tempo, no espaço e na história, restaurando o corpo como local de conhecimento e local de luta ideológica, prestando atenção aos encontros face-a-face em vez das abstrações formais (Conquergood 1993).

Um dos problemas que se coloca no estudo do género é o do compromisso político do investigador. Bourdieu avisa que o melhor dos movimentos políticos está votado a fazer a pior ciência. Mas as mudanças são possíveis, ainda que haja limites: os corpos não compreendem sempre a linguagem da consciência, pelo que não é fácil quebrar uma cadeia contínua de aprendizagens inconscientes, «de corpo a corpo» (Bourdieu 1990:29). As mudanças podem porém servir para perceber aquilo que vieram alterar. Neste caso, é a fase tardia da modernidade em que vivemos em certos contextos que serve de contexto etnográfico elucidador.

Hoje, a sexualidade é algo que cada um de nós «tem», e já não uma condição natural, é um traço do *self*, moldável, um ponto de junção entre corpo, auto-identidade e normas sociais (Giddens 1992). Ao falar da «relação pura», Giddens pergunta:

«What do men want? In one sense the answer has been clear and understood by both sexes from the 19th century onwards. Men want status among other men, conferred by material rewards and conjoined to rituals of male solidarity» (1992:60)²⁰

A sexualidade masculina era caracterizada até há pouco pelos seguintes aspectos: o domínio da esfera pública pelos homens; o duplo padrão: a divisão das mulheres entre puras (casáveis) e impuras; a compreensão da diferença sexual como dada por Deus, pela Natureza ou pela Biologia; a problematização das mulheres como opacas ou irracionais nos seus desejos e acções; e a divisão sexual do trabalho. Isto são contextualizações sociais. Mas ao nível da experiência emotiva, vivida, dos homens?

Segundo a escola de *objects relations* (representada, no cisma das influências freudianas, por Nancy Chodorow, por oposição ao pós-estruturalismo Lacaniano de Kristeva ou Irigaray), Chodorow

²⁰ Tradução livre: «Que querem os homens? De certo modo, a resposta tem sido clara e compreendida por ambos os sexos desde o século XIX. Os homens querem status entre os outros homens, conferido por recompensas materiais e a par e passo com rituais de solidariedade masculina.»

(1978) diz que a masculinidade é um *detour* (desvio, no sentido de mudança de direcção) na separação da mãe. Para ambos os sexos, o falo (a representação imaginária do pénis) deriva o seu significado da fantasia da dominação feminina. Simboliza separação mas também revolta e liberdade. A fase edipiana confirma a separação da mãe e a conquista da liberdade: «The masculine sense of self-identity is thus forged in circumstances in which a drive to self-sufficiency is coupled with a potential crippling emotional handicap» (Giddens 1992:116) ²¹.

A sexualidade e a reprodução estruturavam-se mutuamente no passado. Hoje tal não acontece ²². A privatização da sexualidade foi feita ao mesmo tempo que a negação do prazer feminino, da ideia da sexualidade masculina como não problemática, depois de relegada a homossexualidade para a categoria do perverso. Giddens faz o rol de como era «antes»: 1) cada indivíduo era tido como macho ou fêmea, sem categorias intermédias; 2) as características físicas e traços comportamentais dos indivíduos eram interpretados como masculinos ou femininos de acordo com o esquema de género dominante; 3) as pistas sobre o género eram rotineiramente avaliadas dentro dos padrões aceites de comportamento de *status*-género; 4) as diferenças de género assim constituídas e reconstituídas eram de novo aplicadas para concretizarem identidades sexuais, filtrando e excluindo os elementos *cross-gender* (de género e/ou sexo trocado: transsexuais e travestis); 5) os actores sociais monitoravam a sua aparência e comportamento de acordo com uma identidade sexual «naturalmente dada» (Giddens 1992:198). Como diz Giddens, agora que a anatomia deixa de ser destino, a identidade sexual torna-se cada vez mais uma questão de estilo de vida.

O conceito de hegemonia, tal como utilizado por Gramsci, reporta-se a uma sociedade civil organizada, charneira entre o Estado-domação e o económico, implicando uma noção de Política alargada, não confinada ao Estado. Assim, Gramsci alarga a concepção anterior de hegemonia para o campo cultural e intelectual: o Príncipe moderno deve criar uma vontade ao mesmo tempo nacional e popular, criando um novo senso comum e socializando os conhecimentos e a nova visão do mundo (Gramsci 1971). No limite, a hegemonia é uma anti-revolução passiva.

²¹ Tradução livre: «O sentido de auto-identidade masculina é pois forjado em circunstâncias nas quais um impulso no sentido da auto-suficiência se encontra aliado a um potencial *handicap* emocional».

²² Ver Strathern (1989) sobre novas tecnologias reprodutivas.

O conceito de hegemonia é, então, tomado de empréstimo a Gramsci que, obviamente, não o utilizou para analisar o género, mas sim as relações de classe na Itália sua contemporânea. Significa ascendência social alcançada para lá das disputas de poder, na organização da vida privada e dos processos culturais (Connell 1987:184). A hegemonia não é imposta pela força das armas; embora não exclua a força, não é através desta que se atinge a hegemonia. É tão pouco significa a obliteração de alternativas. Como dizia João Pina-Cabral (em comunicação oral), a hegemonia é uma forma de dominação em que o dominado participa na sua dominação, a hegemonia sendo como um foco que, ao iluminar uma certa zona, deixa as outras zonas na semi-escurecimento ²³.

No campo do género, trata-se da capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade, o que significa que o modelo exaltado corresponde, na realidade, a muitos poucos homens, o que se verifica nos casos que eu abordo no contexto de Pardais. O conceito permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida assim como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemónicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemónico, sustentado pelos significados simbólicos «incorporados».

O modelo hegemónico em Pardais corresponde aos traços descritos no Capítulo II, e analisados em pormenor nos capítulos que agora se seguem.

²³ Em comunicação apresentada no III Congresso da European Association of Social Anthropologists, Oslo, Noruega, Junho de 1994, na abertura do painel «Morals and the Margins».